

GEOGRAFIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: uma abordagem geográfica a partir do ensino da história afro-brasileira no ensino fundamental.¹

Lucas Ribeiro da Silva

Graduando em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão

luucas.ribeiros@hotmail.com

Jailson de Macedo Sousa

Professor Adjunto I - Universidade Estadual do Maranhão

geoparsagada@hotmail.com

Resumo: Este artigo discute a importância do ensino da História e Cultura Afro-brasileira nas escolas, em particular, o papel da Geografia engajada na defesa dos povos afrodescendentes enquanto agentes participantes do processo de formação da sociedade brasileira, desmistificando a ideia de inferioridade a assim lutando contra qualquer manifestação de preconceito. Dessa forma, a melhor saída deve ser através da educação, pois somente o processo de ensino é capaz de instruir as crianças e jovens a terem uma mentalidade mais crítica e um posicionamento mais adequado para as relações étnico-raciais, aprendendo a respeitar e conviver com as diferenças.

Palavras-Chave: História e Cultura Africana. Geografia. Educação.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo aborda aspectos essenciais da geografia como disciplina que contribui à formação de cidadãos críticos, com ampla visão de mundo e capazes de refletir sobre assuntos pertinentes da atualidade. Por meio deste, buscamos compreender o papel da ciência geográfica, engajada na defesa das relações étnico-raciais, por meio dos processos de ensino-aprendizagem.

O motivo para a escolha da temática a ser estudada, se deu pelo fato de perceber que no nosso cotidiano estabelecemos contatos com diversos segmentos étnico-raciais e que muitas das vezes, os alunos não sabem do contexto histórico que se esconde por trás desta realidade.

Tal situação permite a construção de estereótipos e estigmas raciais, que por conseguinte acabam gerando uma forte corrente de preconceito e que facilmente são disseminadas no contexto escolar.

Arelado a isso, surgiu o interesse em contribuir com um estudo que retrate o assunto e as formas de eliminá-lo não somente das escolas, mas também do nosso convívio. Não existe saída melhor do que iniciar essa tarefa por meio da educação, visto que é através do ensino que se pode chegar a uma sociedade igualitária e tolerante.

Além da aptidão pessoal que sempre se teve com a temática, houve o desejo de contribuir com um estudo acerca da importância do negro na formação histórica do Brasil, tendo em vista que esse desempenhou e desempenha um importante papel no processo de construção da sociedade brasileira.

¹ Trabalho desenvolvido durante a disciplina de Prática na dimensão educacional, e que posteriormente foi sistematizado na forma de artigo científico.

Com intenção de responder as indagações apresentadas neste artigo, é necessário enfatizar os objetivos que serviram de suporte à elaboração deste estudo, já que estes são de suma importância para o processo de pesquisa. São eles: Compreender o papel da geografia no trabalho cotidiano com a temática da cultura afro-brasileira; Analisar a forma na qual os livros didáticos abordam este tema; Averiguar a abordagem que vem sendo atribuída a assuntos afro-brasileiros em sala de aula.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que se refere à metodologia, optamos em utilizar a pesquisa bibliográfica, por essa permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que se poderia pesquisar diretamente (GIL, 2010).

Tendo em vista o objetivo de compreender o papel da geografia no trabalho com a temática da cultura afro-brasileira - a pesquisa foi realizada entre os meses de abril a Maio de 2015, trabalhando com os seguintes procedimentos: revisão de literatura; sessões de estudo; elaboração de fichamentos e organização da estrutura do artigo.

Estes instrumentos metodológicos foram essenciais para o processo de investigação científica desta pesquisa, pois possibilitou responder as questões levantadas e forneceram uma direção para a compreensão do papel da geografia engajada na defesa dos direitos étnico-raciais.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Optamos em trabalhar com Diniz (2009), Lima (2004), Moreira & Candau (2006) e Munanga & Gomes (1999), já que estes teóricos deixam explícito a real importância de se trabalhar as relações étnico-raciais nas escolas.

3.1 A problemática das relações étnico-raciais nas escolas brasileiras

A forma como o ensino da história e cultura africana tem sido abordada nas escolas do Brasil, pode ser explicada através do processo histórico de formação da sociedade brasileira. Já que nesse sentido, sempre tentou-se ocultar a matriz africana do contexto escolar.

Dessa forma, criou-se o discurso de inferioridade para o continente africano, na qual toda sua relevância para o contexto de formação da sociedade brasileira é perdido e os efeitos gerados por meio dessa atitude reflete a reprodução de discursos discriminatórios, preconceituosos e principalmente racistas. Sobre este fato Lima (2004) pondera:

No espaço educacional a África é vista muitas vezes apenas como a terra da macumba, da capoeira e do tambor, é preciso libertar-se dessa imagem folclórica do negro no Brasil e

dessa concepção escravista criada por antigos historiadores, considerando a extensa participação africana no processo de formação do país. (LIMA, 2004, p. 85).

Em outras palavras, esse discurso acaba influenciando na forma de pensar dos alunos, na qual o reproduzem no ambiente escolar e até mesmo fora dos muros da escola. Por muitas vezes refletindo na personalidade e no comportamento do educando.

Se formos analisar os livros didáticos de Geografia do ensino fundamental, iremos perceber que o continente Africano é representado geralmente por pobreza, guerras civis, exclusão social, econômica e tecnológica. Nesta linha de pensamento, Diniz (2009) enfatiza:

Desta forma a África é vista enquanto lócus da não civilidade, do não desenvolvimento, da fome, da miséria, dos conflitos entre etnias rivais, doenças como AIDS, da desnutrição, do imobilismo, do não histórico, do exótico, do selvagem. Tais formulações irão cristalizar, conseqüentemente, a imagem atribuída aos Africanos: seus saberes, técnicas e culturas são vistas como manifestações folclóricas e populares; suas relações sociais são vistas como tradicionais e não complexas; são vistos como o outro, o estanho, o negro, o demoníaco, o feiticeiro, o antropófago, o escravo, o primitivo, o selvagem, o inferior, o tribal. (DINIZ, 2009, p. 4).

É diante desse quadro de total exclusão, que a Geografia se insere como uma disciplina que trabalha o conceito de diversidade cultural e respeito às diferenças étnico-raciais. Contribuindo no sentido de reduzir ou superar por completo relacionamentos racistas inseridos na sociedade, formando cidadãos capazes de conviver em coletividade, respeitando esta diversidade.

3.2 A implementação da Lei nº 10.639/03: um marco para a valorização da cultura afro-brasileira

Diante do cenário de luta contra a exclusão e marginalização do povo negro, em janeiro de 2003 foi instituída a lei de nº 10.639, que alterou a antiga Lei nº 9.394/96, incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

No artigo 26 desta lei fala:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003, 01).

O povo afro-brasileiro já vinha lutando pelo seu reconhecimento e valorização, onde buscavam sua afirmação por meio do Movimento Social Negro. E a implementação dessa lei veio firmar e assegurar o resgate da história e da cultura africana, ajudando a reconhecer assim a sua identidade étnica. Embora, esta pluralidade étnica cultural que historicamente caracteriza o Brasil nem sempre é reconhecida. Conforme Fernandes (2005):

Apesar desse fato incontestável de que somos, em virtude de nossa formação histórico-social, uma nação multirracial e pluriétnica, de notável diversidade cultural, a escola

brasileira ainda não aprendeu a conviver com essa realidade e, por conseguinte, não sabe trabalhar com as crianças e jovens dos estratos sociais mais pobres, constituídos, na sua grande maioria, de negros e mestiços. Nesse sentido, uma análise mais acurada da história das instituições educacionais em nosso país, por meio dos currículos, programas de ensino e livros didáticos mostra uma preponderância da cultura dita “superior e civilizada”, de matriz européia. (FERNANDES, 2005, p. 379).

Ainda de acordo com Munanga e Gomes (1999):

A identidade é para os indivíduos a fonte de sentido e experiência... É necessário que a escola resgate a identidade dos afro-brasileiros. Negar qualquer etnia, além de esconder uma parte da história, leva os indivíduos à sua negação. (MUNANGA, 1999, p. 18 apud SEED, 2006, p.18).

Considera-se que a Lei nº 10.639/2003, não pode ser vista apenas como um instrumento de combate à discriminação, pois ela é também uma lei afirmativa, que reconhece a escola como lugar de formar cidadãos, e afirma a importância desta em promover a valorização dos agentes formadores da cultura brasileira.

Esta jamais será uma tarefa fácil, pois o trabalho desta lei não depende apenas dos professores e demais membros da escola e sim da mobilização conjunta da sociedade, fazendo com que haja realmente o reconhecimento e o respeito do povo negro. Portanto, o trabalho de conteúdos contendo a história e cultura africana se torna uma ferramenta de transformação social, e é isso que a lei busca.

4 O PAPEL DA GEOGRAFIA NO ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA

Trabalhar com o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana requer do professor de geografia muita criatividade e criticidade na escolha do material didático, para não reproduzir através destes, ainda mais o racismo.

E ao se falar na escola como formadora de cidadãos, não se pode negar a importância da geografia, enquanto disciplina que permite o conhecimento e análise do espaço onde ocorrem tais acontecimentos. Onde se precisa desmistificar a ideia de que o papel da geografia é somente conhecer países e mapas, pelo contrário, ela tem a função de antes de tudo, formar cidadãos críticos.

Dentro dessa realidade a geografia contribui para a inserção do indivíduo no meio sócio-espacial, ou seja, no espaço produzido pelas relações sociais, permeadas de construções histórico-culturais da sociedade. Diante disso, é interessante trabalhar as rugosidades da sociedade brasileira para melhor compreender o papel que o povo africano teve no processo de formação do território brasileiro.

Um dos primeiros caminhos a serem trilhados para tentar mudar essa realidade, é a inclusão efetiva desses conteúdos nos currículos das escolas, onde todos os professores juntamente com os

demais componentes do corpo pedagógico irão decidir a melhor forma de se trabalhar tal temática com os alunos. O currículo deve ser transmitido de forma que se dê a cultura em sua diversidade. E sobre isso, Moreira & Candau (2006) falam:

Cabe evitar qualquer caráter exótico às manifestações culturais de grupos minoritários [...] para que se compreendam e acentuem avanços, dificuldades e desafios. Líderes desses grupos podem ser convidados a participar das atividades. Exposições e cartazes podem ilustrar trajetórias e conquistas, [...] estamos sugerindo que se explorem e se confrontem perspectivas, enfoques e intenções, para que possam vir à tona propósitos, escolhas, disputas, relações de poder, regressões, silenciamentos, exclusões. (MOREIRA & CANDAU, 2006, p. 33).

Como dito antes, a escola tem o papel de inserir o aluno na sociedade, construindo valores e identidades igualitárias, tendo assim a responsabilidade de formar o cidadão crítico e tolerante com os outros. Como em qualquer outra disciplina, o uso de instrumentos didáticos, como imagens, mapa, etc; é de grande importância. Trabalhar com imagens é uma boa alternativa, pois assim, pode-se desmistificar a idéia de que o Continente Africano é apenas local de pobreza e sofrimento.

A utilização de músicas, filmes e documentários nas aulas também podem ser uma ótima saída, já que por meio destes e da forma lúdica na qual o professor irá trabalhá-los. Os alunos podem apreender com maior clareza os estigmas e valores históricos e culturais deixados pelo povo africano para nosso país.

De acordo com documentos da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (2005), a escola precisa avançar na articulação da lei e seus princípios, com a prática do dia-a-dia das escolas. Nessa perspectiva, a SEED (2005) apresenta algumas sugestões de atividades que podem ser trabalhadas em sala, tais como:

- Ações que propiciem o contato com a cultura africana e afro-descendente, culminando em desfiles, exposições, mostras de teatro e dança, por meio dos quais sejam apresentados penteados, vestimentas, adereços, utensílios, objetos e rituais resultantes desse processo.
- Discussões e atividades que tenham como foco a criança e o jovem negro, a sua família em diferentes contextos sociais e profissionais, para a valorização da diversidade étnica brasileira.
- Pesquisas e debates sobre o espaço dos afrodescendentes e de sua cultura nos meios de comunicação de massa. (SEED, 2005, p. 36).

Com tantos espaços para a realização de trabalhos e sugestões de atividades, só depende do interesse do professor e boa vontade da escola de forma geral, buscarem aplicar alguma destas sugestões sobre a história e cultura afro nas escolas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente artigo consideramos que a inserção da temática afro-brasileira no currículo escolar, contribui para uma melhor aproximação da cultura negra com a realidade da sociedade brasileira, ajudando a derrubar o discurso deturpado de que a África é apenas um Continente de opressão e exploração.

Atualmente existe uma carência de um olhar geográfico mais crítico por parte dos alunos com a realidade do mundo, e cabe ao professor trabalhar no incentivo a essas crianças e jovens. Construindo assim, um espaço educacional que revele aos alunos a importância de ver ao outro como semelhante.

Esperamos que as escolas trabalhem a influência que a cultura africana traz para a sociedade, gerando meios para que se possam resgatar as memórias e as histórias desse povo, que estão presentes em nossa sociedade e em nossas vidas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Brasília, 2003.

Cadernos temáticos: inserção dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares/ Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. Curitiba: SEED-PR, 2005.

DINIZ, F.O. O uso de filmes no ensino de geografia: uma discussão sobre a representação de África. In: _____ Encontro nacional de ensino de Geografia, 2009.

FERNANDES, José R. **Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades**. Campinas: Cedes, 2005.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Mônica. A África na sala de aula. In: _____ Revista nossa história. Ano 1, n. 4, Fevereiro, 2004.

MOREIRA, Antônio F. B; CANDAU, Vera M. **Currículo, conhecimento e cultura**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica (MEC), 2006.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Editora Global, 2006.